

Covid-19 na Terra Indígena Yanomami: um paralelo entre as regiões do alto rio Marauíá, alto Rio Negro e vale dos rios Ajarani e Apiaú

Covid-19 in the Yanomami Indigenous Land: a parallel between the regions of the upper Marauíá river, upper Rio Negro and the Ajarani and Apiaú river valley

Covid-19 en la Tierra Indígena Yanomami: un paralelo entre las regiones del alto río Marauíá, el alto río Negro y el valle de los ríos Ajarani y Apiaú

Luiz Davi Vieira Gonçalves
Marina Sousa
Thamirez Lutaif

Dossiê: Reflexões e perspectivas sobre a pandemia de COVID-19

Editores: Luisa Elvira Belaunde, Gilton Mendes y Edgar Bolívar-Urueta

Data de envio: 2020-06-19. **Devolvido para revisões:** 2020-07-02. **Data de aceitação:** 2020-07-23

Como citar este artigo: Gonçalves, L.D.V., Sousa, M., Lutaif, T. (2020). Covid-19 na Terra Indígena Yanomami: um paralelo entre as regiões do alto rio Marauíá, alto Rio Negro e vale dos rios Ajarani e Apiaú. *Mundo Amazônico*, 11(2), 211-222. <http://dx.doi.org/10.15446/ma.v11n2.88432>

Resumo

Este escrito tem por objetivo fornecer um panorama geral da Covid-19 na Terra Indígena Yanomami (TIY), traçando um paralelo entre as regiões do alto rio Marauíá (AM), alto Rio Negro (AM) e vale dos rios Ajarani e Apiaú (RR). Para situar a pandemia do novo coronavírus no contexto yanomami, parte-se da noção de *xawara* - fumaça da epidemia relacionada ao contato com os não-indígenas. Destaca-se também, o acesso à saúde e as estratégias nativas de combate às epidemias.

Palavras chave: Yanomami; Covid-19; *xawara*.

Abstract

This paper aims to provide an overview of Covid-19 in the Yanomami Indigenous Land (TIY), drawing a parallel between the regions of the upper Marauíá river (AM), upper Rio Negro (AM) and the Ajarani and Apiaú river valley (RR). To place the pandemic of the new coronavirus in the Yanomami context, we start from the notion of *xawara* - smoke from the epidemic related to contact with non-indigenous people. This essay also aims to analyze the access to health and native strategies to fight epidemics.

Keywords: Yanomami; Covid-19; *xawara*.

Luiz Davi Vieira Gonçalves. Bacharel e licenciado em Artes Cênicas-UFPA. Me. em História - PUC-GO. Doutor em Antropologia Social - UFPA. Pós-doutorando em Antropologia Social - UFPA. luizdavipesquisa@hotmail.com

Marina Sousa. Bacharel em Antropologia. Ma. em Antropologia Social- Unicamp-SP. Estudante de doutorado em Antropologia Social- Unicamp- SP. marina.antrorr@gmail.com

Thamirez Lutaif. Bacharel em Ciências Sociais. Ma. em Ciências Sociais - PUC-SP. thamirezlutaif@gmail.com

Resumen

Este escrito tiene como objetivo aportar un panorama general del Covid-19 en la Tierra Indígena Yanomami (TIY), trazando un paralelo entre las regiones del alto río Marauíá (AM), el alto río Negro (AM) y el valle de los ríos Ajarani y Apiaú (RR). Para ubicar la pandemia del nuevo coronavirus en el contexto yanomami, partimos de la noción de *xawara* – humo de la epidemia relacionada con el contacto con personas no indígenas. También es notable el acceso a la salud y las estrategias nativas para combatir las epidemias.

Palabras clave: Yanomami; Covid-19; *xawara*.

Introdução

Diante do avanço da Covid-19 na Terra Indígena Yanomami (TIY), visamos apresentar um panorama geral da doença a partir de um paralelo entre as regiões do alto rio Marauíá (AM), alto Rio Negro (AM) e vale dos rios Ajarani e Apiaú (RR), conforme o destacado no mapa abaixo. Para isso, nos valem de dados da Rede Pró-Yanomami e Ye'kwana, revisão bibliográfica de pesquisas anteriores e comunicação pessoal via redes sociais com as lideranças indígenas.

A TIY ocupa uma área de floresta tropical de aproximadamente 9,6 milhões de hectares estendidos por porções dos estados de Roraima e do Amazonas, bem como territórios situados na Venezuela. A população soma quase 33 mil pessoas divididas em cerca de 640 aldeias, incluindo grupos em isolamento voluntário (Albert e Kopenawa, 2015). Segundo censo realizado pelo Distrito de Saúde Indígena Yanomami/Ye'kwana (2018), a região de Marauíá abrange 2.354 pessoas, Maturacá possui 2.800 pessoas, por fim, Ajarani e Apiaú totalizam 212 pessoas.

Contudo, a TIY é considerada a TI mais vulnerável do país no que diz respeito à pandemia do novo coronavírus como aponta recente estudo realizado em parceria entre o Instituto Socioambiental e a Universidade Federal de Minas Gerais (CSR-UFGM; ISA, 2020). Sendo o Distrito Sanitário Especial Indígena Yanomami (DSEI-Y) o segundo mais vulnerável demográfica e estruturalmente entre os 34 DSEIs que existem no Brasil, de acordo com Azevedo, Damasco, Antunes, Martins e Rebouças (2020).

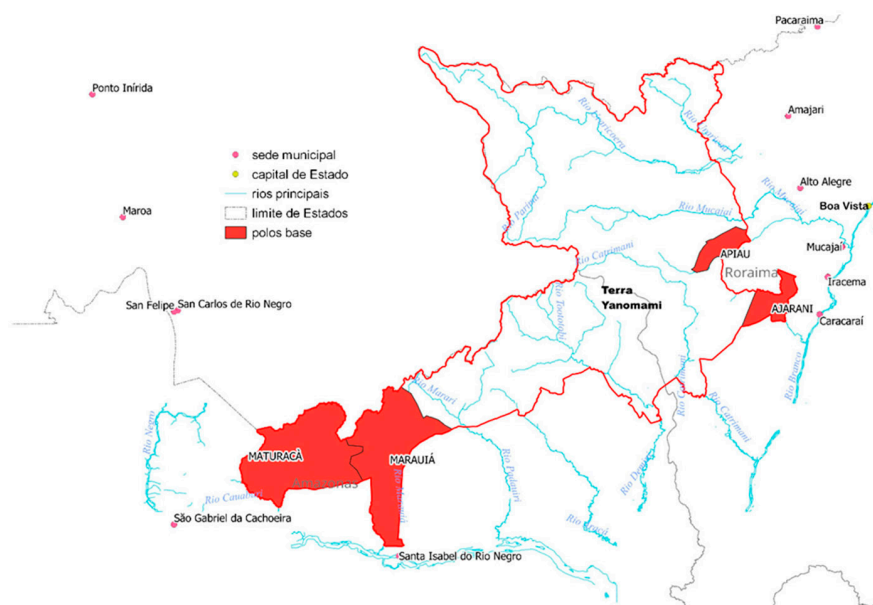
Partimos da noção de *xawara* - fumaça da epidemia relacionada ao contato com os não-indígenas - a fim de pensar a pandemia do novo coronavírus na conjuntura yanomami. Assim, considerando as dinâmicas de acesso à saúde nas diferentes regiões da TI citadas, exemplificamos algumas das estratégias nativas de combate às epidemias utilizadas. As regiões aqui descritas estão localizadas em diferentes porções do território yanomami.

A região do alto rio Marauíá (AM), afluente do Rio Negro, e o alto Rio Negro (AM) localizam-se no limite oeste da TIY, próximo à fronteira com a Venezuela. Em ambas as localidades a língua falada é o Yanomami, pertencente à família linguística yanomami. As regiões do vale dos rios Ajarani e Apiaú,

por sua vez, localizam-se no limite leste, próximo às cidades de Caracará e Mucajaí (RR) e seus moradores são falantes da língua Yaroamë. Levando em consideração o maior número de falantes, os termos próprios da língua yanomami serão todos redigidos a partir do subgrupo linguístico yanomami.

No boletim do dia 10/09/2020, publicado pela Secretaria Especial de Saúde Indígena/ Sesai/MS, a população yanomami apresentou um total de 339 pessoas infectadas pelo novo corona vírus. O número de pessoas descritas como casos suspeitos é 16 e, até o momento, foram registrados 6 óbitos. Esses dados, porém, divergem do levantamento realizado pela Rede Pró-Yanomami/Ye'kwana, que indicam o número de 8 óbitos confirmados e 9 óbitos suspeitos, ou seja, pessoas com quadro clínico de Covid-19 em zona de contaminação e sepultamento com protocolo de biossegurança. A incompatibilidade de levantamentos aponta para uma política oficial de subnotificação de óbitos. As regiões brasileiras mais afetadas, em números absolutos, são o Leste de Roraima, Alto Rio Negro e Alto Rio Solimões.

A partir disso, o escrito está organizado em três seções: na primeira elaboramos um panorama geral da Covid-19 na TIY, em seguida descrevemos os diferentes cenários, equipamentos, equipe de saúde e possibilidades de remoção nas regiões supracitadas, por fim, apresentamos algumas das estratégias nativas de combate e prevenção às epidemias.



*Figura 1: Mapa das regiões de Maturacá, Mrauiá, Ajarani e Apiaú.
Fonte: Tomioka Nilsson (2020).*

Panorama da Covid-19 na Terra Indígena Yanomami

A concepção dos poderes patogênicos de fenômenos mórbidos dos Yanomami se dá a partir da teoria etiológica que identifica a causa de epidemias. *Xawara*¹, palavra yanomami que pode ser traduzida como epidemia, designa uma categoria de morbidade na qual a potencialidade de infectar expressivo número de pessoas, bem como apresentar a febre como sintoma comum estão presentes². A propagação da *xawara* está associada a perturbações ambientais provocadas pela ação predatória dos *napë*, os não indígenas, como a poluição de fábricas e o garimpo, por exemplo. Por meio da exploração aurífera, a substância tóxica do metal, mantida escondida nas profundezas dos rios e terras por *Omawë* - demiurgo criador da humidade Yanomami - entra em contato com a superfície e sofre processo de queima, o que gera a epidemia-fumaça. Esta fumaça (*pei wakë xi*), invisível e canibal, é responsável pela rápida proliferação de doenças infecciosas.

Ao compartilhar um universo ontológico em comum com outras doenças infecciosas, o novo coronavírus está sendo compreendido como uma epidemia, ou seja, *xawara*. Responsável pela sobrecarga de sistemas de saúde e crise sanitária a nível global, a chegada da Covid-19 entre os Yanomami foi noticiada quando da morte do primeiro jovem infectado pela doença no dia 09 de abril de 2020. A Terra Indígena Yanomami, maior do país em extensão territorial, que sofre com a invasão de cerca de 20 mil garimpeiros e aumento da taxa de desmatamento, enfrenta agora um risco epidemiológico compatível com seu tamanho³.

A Portaria Conjunta do Ministério da Saúde e da Funai nº 4.094, de 20 de dezembro de 2018, que “Define princípios, diretrizes e estratégias para a atenção a saúde dos Povos Indígenas Isolados e de Recente Contato” prevê a elaboração do Plano de Contingência para Surtos e Epidemias (MS/FUNAI, 2020). Contudo, o Plano de Contingência de Prevenção e Controle para o Novo Coronavírus (COVID-19) do DSEI-Y não compreende as necessidades específicas dos povos Yanomami e Ye'kwana, bem como dos indígenas em isolamento voluntário na TIY (MS/SESAI, 2020).

Segundo o Ministério Público Federal (MPF), o Plano de Contingência do DSEI-Y:

elencas as vulnerabilidades sanitárias específicas da população Yanomami, entre estas a mineração ilegal. Entretanto, o DSEI-Y não apresenta nenhuma medida concreta que garanta o isolamento dos casos suspeitos nesse contexto. Assim, o DSEI-Y abstrai a existência de milhares de garimpeiros não indígenas em área e desconsidera um dos principais vetores de propagação de doenças. A aplicação descontextualizada do plano elaborado, portanto, pode tornar ineficazes as medidas sanitárias adotadas (MPF, 2020).

A TIY está invadida por garimpeiros ilegais que entram e saem da região sem nenhuma fiscalização, caracterizando um dos principais vetores da Covid-19 (ISA, 2020). Além disso, a Casa da Saúde Indígena (CASAI) é um lugar de contágio da doença. Os dados atualizados sobre a Covid-19 entre os Yanomami são apresentados pela Secretaria de Saúde Indígena (SESAI) a partir das informações obtidas por meio do DSEI-Y.

Acesso à saúde na Terra Indígena Yanomami

A grande extensão territorial da TIY associada a regiões de difícil acesso e invasão garimpeira sugerem diferentes contextos epidemiológicos. Conforme relatado a seguir, existe uma discrepância entre as regiões dos rios Marauiá, Negro, Ajarani e Apiaú quanto à infraestrutura dos polos-base, ao acesso aos postos de saúde e à possibilidade de remoção para atendimentos nos sistemas de média e alta complexidade⁴.

O *xapono*⁵ *Pukima* Beira está situado na região do alto rio Marauiá, que tem sua nascente na Serra do Imeri na fronteira entre o Brasil e a Venezuela e sua foz no Rio Negro no município de Santa Isabel do Rio Negro (AM). Nas margens do rio Marauiá e seus afluentes, existem 17 *xapono*: *Bicho Açu*, *Serrinha*, *Jutaí*, *Tabuleiro*, *Balaio*, *Komixiwë* (Missão), *Pohoroa*, *Ixima*, *Pukima Beira*, *Raita*, *Tomoropiwei*, *Pukima Cachoeira*, *Manakapiwei*, *Kona Cachoeira*, *Kona Centro* e *Xamakorona*. Cada *xapono* conta com um posto de saúde construído com madeira ou palha. A sede do pólo-base da região do rio Marauiá fica no *xapono* *Komixiwë*, comunidade que conta com um posto de saúde de madeira e com uma pista de pouso que recebe voos quinzenais da SESAI vindos de Santa Isabel do Rio Negro ou Boa Vista (RR) que transportam profissionais e materiais de saúde. Miranda (2019) elabora uma descrição socioespacial do *Pukima Beira*, onde moram 147 pessoas divididas em 27 casas e, pouco atrás do *xapono*, existe uma construção de palha em que fica o posto de saúde.

Contudo, os Yanomami do rio Marauiá, por meio da Associação Kurikama Yanomami, proibiram que os profissionais da SESAI entrassem em área no contexto da pandemia. Os Yanomami tomaram esta decisão tendo em vista os relatos de descumprimento do intervalo de tempo mínimo de quarentena por parte dos profissionais da saúde na TIY, o que os torna um possível vetor da doença.

A região de Maturacá, por sua vez, está situada à margem esquerda do Rio Negro e é banhada pelos rios Maturacá e Ariabú que, com suas águas escuras após alguns quilômetros, misturam-se com as águas claras do rio Cauaburis. Assim, a cartografia da região de Maturacá é composta por cinco *xapono* à beira dos rios Maturacá e Ariabú, são eles: *Ariabú*, *Maturacá*, *União*, *Maria Auxiliadora* e *Santa Maria*. Além deles, há mais três *xapono*, *Inanbú*, *Aiarí* e *Nazaré*, distribuídos às margens do rio Cauaburis e seus afluentes.

O posto de saúde de Maturacá está situado entre o *xapono Ariabú* e o *xapono Maturacá* e oferece atendimentos básicos de saúde como tratamento de malária, desnutrição, pequenos traumas ósseos, picadas de insetos e animais peçonhentos, atendimento básico dentário e assistência a gestantes durante o pré-natal. O posto de saúde está vinculado ao DSEI-Y, e os convalescentes diagnosticados com patologias de alta complexidade, são removidos para Boa Vista em aviões do próprio Distrito que fazem o transporte de Yanomami de diversas regiões.

As regiões do Ajarani e Apiaú são as localidades mais acessíveis por via terrestre na porção da TIY no estado de Roraima. Situadas no limite leste, são regiões próximas a fazendas e vilas rurais, pequenos vilarejos que concentram população rural. Estas regiões são assim denominadas em função dos rios que as margeiam, ou seja, região do Ajarani é situada no vale do rio Ajarani e a região do Apiaú é margeada pelo rio Apiaú. Os funcionários do DSEI-Y revezam-se mensalmente no atendimento a essas localidades, deslocando-se por via terrestre desde a cidade de Boa Vista-RR.

No pólo-base Ajarani existe uma divisão socioespacial que comporta três *xapono*, ou seja, casas comunais, que são *Cachoeirinha*, também conhecida como *Comunidade Maloca da Fazenda, Igarapé do 30* (antigo posto de saúde), sede da criação de gado *Texori* e *Apurú* - situada fora dos limites da TIY, mas que serve de morada para pessoas que visitam centros urbanos. A população total de cerca de 50 pessoas é atendida por técnicos de enfermagem e outros profissionais de saúde que visitam a localidade a depender da demanda, como dentista, por exemplo. O posto de saúde é facilmente acessado por via terrestre. No Ajarani, há também um posto de fiscalização da Fundação Nacional do Índio (Funai). Os funcionários colaboram com transporte e alimentação nesta localidade por meio da via Perimetral Norte.

Em relação ao pólo-base Apiaú, existem os seguintes *xapono*: *Serrinha*, *Hadianai*, *Aldeia do Dino*, *Omamo* e *Poahahipi*. Apenas *Serrinha* e *Hadianai* têm acesso direto ao posto de saúde, os demais *xapono* distam longas caminhadas na mata ou é possível alcançá-los via fluvial. As doenças que acometem o sistema respiratório e malária são as principais causas de adoecimento nessa região. A população total é de aproximadamente 150 pessoas e, em casos de remoção para cidade de Boa Vista, no intuito de acessar os sistemas de alta e média complexidade, o transporte é feito via terrestre. Em ambas localidades, não são registrados casos de desnutrição.

Estratégias nativas de combate às epidemias

Diversas estratégias nativas são elaboradas quando da prevenção e combate a epidemias. Algumas delas visam o distanciamento social em relação a regiões de maior contágio, como também a elaboração de práticas rituais de cura e

prevenção de doenças. A comunicação via radiofonia entre aldeias e cidades possibilita a propagação de notícias, recomendações médicas e esclarece a situação dos pacientes que se encontram nos centros urbanos, atuando como um instrumento de prevenção e informação. Por fim, situações de risco, como veremos a seguir, apontam a probabilidade da Covid-19 afetar pessoas mais velhas, sugerindo o genocídio dos *patapata*, homens mais velhos que detêm autoridade política e muito conhecimento.

Algumas comunidades do rio Marauíá - dentre elas a do *Pukima Beira* - optaram por sair de *wayumi*, uma prática tradicional yanomami reinventada para resistir às epidemias. Durante o período de *wayumi*, toda comunidade ou parte dela abandona o *xapono* e mora em acampamentos temporários na floresta. As motivações do *wayumi* são variáveis - recursos alimentares escassos nas proximidades da comunidade, recursos abundantes em lugares mais afastados, um conflito entre os yanomami do *xapono* ou necessidade de se proteger de um ataque iminente - bem como o tempo afastado da morada principal.

A comunidade *Pukima Beira* saiu de *wayumi* em abril de 2020 e pretende voltar ao *xapono* em agosto de 2020. À princípio, a comunidade se dividiria em dois grandes grupos: um iria ao acampamento e outro permaneceria no *xapono*. Uma das estratégias relacionadas ao *wayumi* no contexto da *xawara*⁶ é a subdivisão do grupo para aumentar a chance de sobrevivência caso a fumaça da epidemia encontre algum membro. Os *pukimapiwëteri*⁷ construíram um acampamento-tapiri a cerca de duas horas de caminhada do *xapono* para se fixarem, reconsiderando a ideia inicial de andar pela floresta por tempo indeterminado e construir tapiri somente para atar a rede durante a noite e seguir a caminhada no dia seguinte.

Tradicionalmente, vive-se de caça e coleta durante o período de *wayumi*, mas os *pukimapiwëteri* levaram farinha de mandioca e de pupunha para o acampamento numa quantidade que deve durar até o final de junho de 2020. Eles também levaram uma caixa com 25 testes rápidos de malária e medicamentos, uma vez que o rio Marauíá é área endêmica da doença.

Na região de Maturacá, por sua vez, a principal estratégia nativa para lidar com a *xarawara* é a prática ritual *hekuramou*. O espaço destinado para a prática do ritual *hekuramou* é o *toxasiha*, que representa um recorte do antigo *toxasikë* – casa coletiva usada por eles antes do contato com os Salesianos em meados de 1950.

O *hekuramou* na região de Maturacá é dividido como *ëpenamou*, *miamo* e o *miamowi*. O primeiro corresponde ao xamanizar⁸, realizado diariamente visando manter os contatos com os espíritos através dos cantos e das danças acompanhados da inalação do *ëpena*: termo utilizado para designar substâncias psicotrópicas; alucinógenos; alimento do espírito-*hekura* na

prática do *hekuramou* extraído da folha da árvore chamada de paricá (Lizot, 2004). Na realização do *ëpenamou* também são feitos atendimentos às pessoas que levam pedidos aos pajés, como sorte na caçada, proteção em viagens, visualizações de espíritos, interpretação de sonhos, entre outros assuntos que o pajé pode acessar juntos aos espíritos para resolver. Já o *miamo* é o *hekuramou* de cura, que normalmente ocorre em locais onde a pessoa se encontra em estado convalescente e sua duração pode levar dias. Ele busca afastar os espíritos que estão levando a doença para o enfermo. Já o *hekuramou miamowi* é realizado para ataques espirituais a outros indivíduos e *xapono*⁹.

O combate à Covid-19, segundo as lideranças de Maturacá, também ocorre através da prática do *hekuramou*, em que os pajés estão realizando proteções e curas por meio dos diálogos estabelecidos com os espíritos nos rituais. Assim, que a notícia da pandemia chegou no Alto Rio Negro, os pajés foram orientados pelos espíritos a levarem as pessoas mais idosas para os sítios, que ficam no interior da floresta, que segundo eles lá estariam protegidos. Após as orientações, muitas famílias se deslocaram com esse objetivo. E, os contágios, confirmados até o momento foram de pessoas que estavam no *xapono* Maturacá, diretamente em contato com os Yanomami que estão indo ao encontro de pessoas ligadas às cidades de Boa Vista (RR) e São Gabriel da Cachoeira (AM).

O presidente da Associação Yanomami do rio Cauaburis e Adjacentes (AYRCA), José Mário Yanonami, em comunicação pessoal, ressaltou que a prevenção à Covid-19 na região de Maturacá também é feita pelo uso das *haromamotima*, medicinas tradicionais, como banhos e chás de folhas e raízes de plantas da região, fortalecendo a proteção dos indígenas.

Em relação às regiões do Ajarani e Apiaú são registrados diversos casos do novo coronavírus entre seus moradores. Os casos de malária estão escassos e bem controlados. No cenário do Ajarani, localidade com grande proximidade a vilas rurais e centros urbanos, a família do *xapono Cachoeirinha* distanciou-se do posto de saúde, optando por trabalhar em sua roça situada nas proximidades da mata fechada desde o início de junho de 2020. Os moradores do *Igarapé do 30*, *xapono* posicionado próximo à catraca que separa os limites da TIY em relação às fazendas limítrofes, estão sem registros da doença. Porém, no caso dessa família, a situação se complica pelo fato de ocorrer grande deslocamento para cidade de Caracarái (RR) e problemas de saúde coletiva com processo de alcoolização¹⁰. Por fim, a circulação de pessoas na sede de criação de gado *Texori* é intermitente, podendo concentrar variável número de pessoas a depender do período e registra três casos entre os *Xexena* que por lá circulam, sendo a possível localidade de contágio a própria Casai.

Em relação ao Apiaú, a epidemia alastrou-se de modo vertiginoso e com possível contaminação local, registrando mais de cinquenta casos e um óbito. Em sua configuração socioespacial, apenas dois *xapono* situam-se

nas adjacências do posto de saúde da sesai e o registro é de que as famílias da *Serrinha* e *Hadianai* saíram de *wayumi* no início da pandemia, mas já retornaram. As pessoas dos demais *xapono* encontram-se em suas casas, uma vez que mantêm distância do posto de saúde. O grande fator de risco para a população Yanomami da região do Apiaú é a constante entrada de garimpeiros ilegais que podem ser potenciais vetores da Covid-19, causando poluição dos rios e outras doenças infecciosas.

Em ambas as regiões se observa variável proximidade com possíveis locais de foco da doença, como centros urbanos, fazendas, invasão garimpeira e vilas rurais. A impossibilidade de se manterem distantes dessas localidades coloca em risco a população Yanomami desta região. A recente vivência de outras epidemias diante de invasões garimpeiras e a construção da rodovia Perimetral Norte são situações lembradas na memória dos mais velhos¹. A partir disso, estratégias de resistência são elaboradas desde a medicina tradicional e distanciamento voluntário dos não-indígenas por meio do *wayumi*.

Considerações Finais

Com o objetivo de contribuir com um panorama atual da situação dos Yanomami diante à pandemia do novo coronavírus, buscamos mapear diferentes regiões da TIY a fim de apresentar a heterogeneidade de situações, de diferentes acesso à saúde e fatores de risco que acometem o alto rio Marauíá (AM), alto Rio Negro (AM) e vales dos rios Ajarani e Apiaú (RR).

Experiências com epidemias anteriores entre os Yanomami apontam o distanciamento voluntário de áreas mais populosas ou rios caudalosos como uma forma de combate. Paralelo a isso, Alcida Ramos (1990, 1993) sugere uma relação entre a continuidade histórica de surtos epidêmicos na TIY e o descaso da ação estatal diante à saúde indígena.

Doenças respiratórias ainda despontam como as principais causas de mortalidade entre os Yanomami. Diante disso, as estratégias nativas de combate precisam estar combinadas com um comprometimento das autoridades responsáveis. A diversidade de contextos aqui apresentados, associada às tentativas oficiais de eliminação dos povos indígenas, demonstram a necessidade de medidas urgentes para evitar a propagação da Covid-19.

Notas

¹ As palavras em língua yanomami serão grafadas em itálico. Alguns nomes de casas comunais, *xapono*, ainda que sejam redigidos em língua portuguesa, também levarão a formatação itálica.

² Em Ramalho (2006) o termo *xawara* é descrito como epidemias causadas pela ação patológica dos não indígenas. Essas agressões acometem ao corpo yanomami que

fica adoecido, tendo como uma das principais características a febre como sintoma e a capacidade de infectar muitas pessoas a uma só vez.

³ Lideranças Yanomami e Ye'kwana denunciam a invasão de mais de 20 mil garimpeiros na Terra Indígena Yanomami, veja: <https://www.socioambiental.org/pt-br/noticias-socioambientais/pandemia-da-covid-19-torna-urgente-expulsao-de-garimpeiros-da-terra-indigena-yanomami>. Acesso em 10/06/2020.

⁴ Pereira *et al.* (2014) descrevem o sistema de saúde indígena e indicam que os serviços de atenção básica obedecem a um modelo complementar e diferenciado, que pretende atender as especificidades culturais, epidemiológicas e geográficas dos povos indígenas. Nesse subsistema, a maioria das situações de enfermidade devem ser atendidas na atenção básica. Já os casos mais complexos de agravo à saúde indígena são referenciados para a rede de serviços de média e alta complexidade do Sistema Único de Saúde (SUS).

⁵ Casa coletiva yanomami compreendida como a aldeia que reúne todas as casas e espaços de uma região específica habitada pela etnia Yanonami.

⁶ Epidemia relacionada ao contato com os napë (não-yanomami).

⁷ Yanomami do *xapono Pukima Beira*.

⁸ Kenneth Taylor (1996) no artigo “A geografia dos espíritos: o xamanismo entre os Yanomami setentrionais” salienta que o xamanismo realizado diariamente visa a manutenção da presença e intimidade com os espíritos, chamando a prática de xamanizar.

⁹ Cartografia da prática do ritual de xamanismo Yanonami de Maturacá (GONÇALVES, 2019).

¹⁰ Silva (2014) elabora uma etnografia dos processos de alcoolização e fatores associados ao consumo de álcool entre os moradores yanomami da região do Ajarani.

¹¹ No laudo antropológico realizado por Nádia Farage (1999), são descritas situações de grande despovoamento no período da construção da Perimetral Norte. O grande número de Yanomami mortos é atribuído à epidemias causadas pelo descontrolado processo de contato.

Referências

- ALBERT, B., e Kopenawa, D. (2015). *A Queda do Céu – Palavras de um Xamã Yanomami*. São Paulo: Ed. Companhia das Letras.
- AZEVEDO, M., Damasco, F., Antunes, M., Martins, M. H. e Rebouças, M. P. (2020). Análise de Vulnerabilidade Demográfica e Infraestrutural das Terras Indígenas à COVID-19. *Caderno de insumos. Campinas: NEPO-Unicamp*. <https://apublica.org/wp-content/uploads/2020/04/caderno-demografia-indigena.pdf>

- CSR-UFGM; ISA. (2020). *Nota técnica sobre a Modelagem da vulnerabilidade dos povos indígenas no Brasil à COVID-19*. <https://isa.to/2RNMEJ5>
- FARAGE, N. (1999). *Laudo Antropológico requisitado pela justiça federal*- seção Roraima.
- GONÇALVES, L. (2018). *Yanonami tẽ pẽ hekuramou maturacá a xapono há - O xamanismo Yanonami da região de Maturacá*. Goiânia, Brasil: Editora Espaço Acadêmico.
- GONÇALVES, L. (2019). *O(s) corpo(s) Kõkamõu: a performatividade do pajé-hekura Yanonami da região de Maturacá* (Tese Doutorado em Antropologia Social). Universidade Federal do Amazonas, Manaus.
- ISA. (2020). Pandemia da Covid-19 torna urgente expulsão de garimpeiros da Terra Indígena Yanomami. *Instituto Socioambiental*. <https://www.socioambiental.org/pt-br/noticias-socioambientais/pandemia-da-covid-19-torna-urgente-expulsao-de-garimpeiros-da-terra-indigena-yanomami>
- LIZOT, J. (2004). *Diccionario Enciclopédico de la lengua yãnomami*. Vicariato Apostólico de Puerto Ayacucho.
- MIRANDA, T. A. (2019). *Os Yanomami do Marauíá e o contato interétnico* (Dissertação de mestrado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- MPF. (2020). Plano emergencial garimpo Yanomami. *Ministério Público Federal (MPF)* <http://www.mpf.mp.br/rr/sala-de-imprensa/docs/ACPPLANOEMERGENCIALGARIMPOYANOMAMI31.pdf/view>
- MS/FUNAI. *PORTARIA Conjunta do Ministério da Saúde e da Funai no 4.094, de 20 de dezembro de 2018*.
- [HTTP://WWW.IN.GOV.BR/MATERIA//ASSET_PUBLISHER/KUJRW0TZC2MB/CONTENT/ID/57220459](http://www.in.gov.br/materia//asset_publisher/KUJRW0TZC2MB/content/id/57220459)
- MS/SESAI. *PLANO de Contingência de Prevenção e Controle para o Novo Coronavírus (COVID-19) do DSEI-Y*.
- PEREIRA, E. R., Biruel, E.P., Oliveira, L.S. e Rodrigues, D. A. (2014). A experiência de um serviço de saúde especializado no atendimento a pacientes indígenas. *Saúde soc.*, 23(3), 1077-1090. <https://doi.org/10.1590/S0104-12902014000300027>
- RAMALHO, M. (2006). *Os Yanomami e a Morte* (Tese de doutorado em Antropologia Social). Universidade de São Paulo, São Paulo.
- RAMOS, A.R. (1990). Terra e sobrevivência cultural Yanomami. Comissão pela Criação do Parque Yanomami (CCPY), São Paulo.
- RAMOS, A.R. (1993). O papel político das epidemias: o caso Yanomai. *Série Antropologia*, 153. Brasília: Departamento de Antropologia/UnB.

- RAMOS, A.R. Reig, A., Pontes, A. L. D. M., Machado, A. M., Cardoso, A. M., Soares, A. B., ... e Jabra, D. (2020). *Nota Técnica para contribuir ao combate da Covid-19 na terra indígena Yanomami*. https://5a679a85-ce12-4c6f-b23d6c34d69cb631.filesusr.com/ugd/547b78_72a44a188f274ec98fe0e823479da8c2.pdf
- SESAI/MS. (2020). Boletim Epidemiológico da SESA. *Ministério da saúde*. <http://www.saudeindigena.net.br/coronavirus/mapaEp.php>
- SILVA, E. M. (2014). *Processo de alcoolização em uma comunidade Yanomami de Roraima: o caso dos Yawaripë de Xikawa* (Dissertação de mestrado). Universidade Federal de Roraima, Roraima.
- TAYLOR, K. (1996). A geografia dos espíritos: O xamanismo entre os Yanomami setentrionais. In Jean Langdon, (org), *Xamanismo no Brasil: Novas perspectivas* (pp. 117-151). Florianópolis: Editora da UFSC.